

## PAINEL E BIENAL

Eduardo Lakschevitz (dez/2015)

A FUNARTE faz parte da minha vida há muito tempo. Desde o finalzinho da década de 1970, quando minha mãe iniciou o Projeto Villa-Lobos, no Instituto Nacional de Música. Lembro-me das vezes em que ia com ela ao INM, que funcionava numa parte do Museu de Belas Artes, na Rua Araújo Porto Alegre. Também ouvia dela muitas histórias sobre o que lá acontecia. Lembro-me do orgulho que minha mãe demonstrava por seu trabalho, e por participar de um time de feras, cada qual tocando projetos em diferentes áreas, com fé em contribuir para o crescimento do País através do fomento às atividades artísticas. Lembro-me da sensação de efervescência que emanava de encontros entre pessoas como Zander, Valéria, Flávio, Nestor, Celso, Ernani, Aylton, Ronaldo, Vânia... todos capitaneados durante um longo tempo pelo Edino. Lembro também de Rosana, Sônia, Odete e Luiz Cláudio, peças importantes para fazer aquela grande engrenagem funcionar. Lembro até das muitas vezes que alguém exclamava de sua sala: "Mas não era pra fazer assim, Seu João..."

Muitos anos depois, a convite de Flávio Silva e da Zezé Queiróz, voltei a frequentar a FUNARTE, já no Palácio Gustavo Capanema, agora como Coordenador Pedagógico do Painel de Regência Coral, um projeto cuja origem remonta àquela época, tal como acontece com a Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

Essas lembranças me foram reacendidas nesse ano, quando, num curto espaço de tempo, participei do Painel e assisti a concertos da Bienal. É fácil perceber a importância e o significado de ambos os projetos para o Brasil, o que é confirmado por sua longevidade. Mas, ao mesmo tempo, quando eventos se tornam muito duradouros, tendem a tomar vida própria e, por vezes, deixam de ver questionados seus objetivos, o contexto em que se encontram e até o público que pretendem atingir. No caso desses dois eventos, os próprios títulos acusam a situação. Um deles sugere um tipo de produção musical por muitos considerada antiquada, descontextualizada, ultrapassada, rígida, disciplinadora e hierarquizada. O outro lembra inovação, tendências modernas, contemporaneidade, vanguarda, experimento e novas técnicas.

O Painel, a cada edição, tem procurado se renovar, em seu formato, estrutura, repertório e público, buscando compreender qual o seu espaço na sociedade, na cultura e na vida

contemporânea. Não é uma simples questão de escolha, mas de sobrevivência. De forma geral, coordenação e equipe acreditam na importância que essa música tem na sociedade brasileira, mas, ao mesmo tempo, reconhecem que a prática coletiva da música vocal merece ser repensada, pois, se as pessoas com ela envolvidas (cantores, regentes, público) vivem num mundo completamente diferente daquele de 30 anos atrás, é natural que os paradigmas que uma vez a sustentaram devam ser contextualizados, ou até reinventados.

Assim, o Painel recebe pessoas de vários tipos de formação, que desenvolvem trabalhos com coros de diferentes estilos e procedências. Os debates passam por interpretação, análise de repertório, arranjo, ensaio, liderança e questões sociais da atividade coral. Curiosamente, o aspecto gestual do trabalho do regente, outrora o tema principal de eventos desse tipo, ocupa apenas uma pequena fração do tempo das discussões. Há flexibilidade de repertório, de tempo e de abordagem, que podem ser modificados até mesmo durante o evento, de acordo com a demanda do público. A postura dos professores não é entregar conteúdo fixo e pré-moldado para um público, para que este simplesmente receba o que já está pronto, sem chance de participar ou criticar o que se está sendo produzido.

Há sessões, no Painel, nas quais regentes, professores de música, cantores de coro (essencialmente amadores e voluntários), e até curiosos participam juntos das atividades, o que torna mais esmaecida a linha divisória entre artista e público. Apesar de haver uma apresentação (palco e platéia), o evento tem seu foco no processo de construção musical, e não somente no produto final. Vez por outra até mesmo o público é convidado a participar de uma peça. Corre-se riscos. Apesar de muito experientes, os professores de um Painel nunca podem prever o resultado dos trabalhos daquela semana.

De fato, não há inovações de instrumentos, timbres ou tecnologia, mas a música coral, que é das mais antigas manifestações musicais, vem sendo questionada e tem procurado encontrar seu espaço na vida contemporânea. No Painel a música mostra sua face interativa e integradora.

A Bienal, por outro lado, exhibe o termo "contemporânea" em seu título. Desde o seu início, há 40 anos, já evocava um clima de vanguarda. Frases que eu ouvia, ainda menino, sobre a música lá apresentada eram do tipo: "O que será que fulano vai aprontar esse ano?"; "Você ouviu a peça de sicrano?"; "Tem coisas que só acontecem em Bienal..." ou "Quanta criatividade!". Mas hoje, como um evento já tradicional, a música da Bienal não inspira mais essa expectativa. Já cheguei até a ouvir um espectador descrever uma das peças apresentadas como "aquele velho estilo de Bienal". De fato a música da Bienal continua a ser alternativa ao estilo clássico-romântico (até hoje o *mainstream* da música erudita), mas não é

mais renovadora. A utilização de meios eletrônicos já não é mais novidade. O distanciamento entre a linguagem musical apresentada e o público em geral já é esperado. A complexidade da produção e a necessidade de responder aos intrincados parâmetros legais para aplicação dos recursos públicos, bem como a meticulosidade (expressa de forma nem sempre muito educada...) dos compositores com relação à apresentação de suas obras, aumentam de forma inversamente proporcional ao grau de inovação que a música apresenta.

Outro fator de continuísmo da Bienal é a tradicional divisão entre artista e palco, ou seja, entre produção e consumo. Artistas expõe (ativamente) sua criação para um público ouvinte (passivo), formado majoritariamente por acadêmicos, compositores e músicos profissionais. De certa forma, já se sabe o que esperar de um concerto de Bienal. A banca que escolhe as peças – num processo absolutamente imparcial, vale notar – parece procurar novidades e propostas revolucionárias onde estas não mais existem.

Depois de 21 edições, a Bienal continua a apresentar obras em primeira audição e a cumprir seu papel de fomentar a produção musical de nossa época. Ouso até dizer que muitas dessas obras têm na Bienal sua única possibilidade de “sair do papel”. Mas, se observada por outros prismas, é evento tradicionalista. O tempo passou e deslocou postulados que a motivaram e sustentaram nas primeiras décadas. Ainda assim, o evento mantém a mesma estrutura, mesmo formato, mesma arquitetura, mesmo estilo, mesma música, mesmas expectativas. Notei uma renovação de compositores nesse ano, é verdade, mas não na música apresentada. Novos rostos, mesmos sons. Ingressos, artistas sobre o palco, silêncio do público, aplauso. Há um lado da Bienal que não é mais contemporâneo, como reza seu título. (Ou talvez seja a própria atividade musical que não tem acompanhado o estado de constante mudança em que vivemos.) O título da Bienal sugere inovação. O evento não mais a entrega. A Bienal se pretende de música contemporânea, mas seu modelo de produção e de relações entre artista, obra e público já é mais que centenário.

O Brasil precisa cada vez mais de eventos como esses, e de gente como Flávio e Zezé, que, com dedicação incomum, os fazem acontecer. Por mais que estejamos num mundo completamente diferente daquele de 30 anos atrás, o que sugere atenção redobrada a novas formas de realização musical, a essência do que motivou sua criação permanece intacta: é a arte que pode mudar o mundo. Olhando para essa linda história é possível descortinar um futuro ainda mais marcante para esses dois grandes projetos. Vida longa à FUNARTE, ao Painel e à Bienal e àqueles que, com muito esforço, fazem deles uma realidade!